

PARA LER, VER E REVER: RESENHA DE AGUDEZAS SEISCENTISTAS E OUTROS ENSAIOS (EDUSP, 2019), DE JOÃO ADOLFO HANSEN

Lavinia Silves
Professora de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
lavinia.silves@unifesp.br

André Fiorussi
Professor de Literaturas Hispânicas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
fiorussi@gmail.com

Professor Emérito da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, João Adolfo Hansen é reconhecido há tempos como um dos mais destacados pesquisadores brasileiros de literatura. Roger Chartier escreveu recentemente que suas investigações abriram o caminho para se repensar “a invenção da literatura e da história literária no século XVIII, na Europa, e talvez no século XIX, nas Américas”, mostrando como “a universalização dos critérios românticos, expressivos e psicológicos, forjados nos séculos XVIII e XIX, oculta uma descontinuidade fundamental” em relação à representação retórico-poética das letras e artes dos tempos anteriores a esse período¹.

É sobretudo disso que trata o livro *Agudezas Seiscentistas e Outros Ensaios*, organizado pelas professoras Cilaine Alves Cunha (FFLCH-USP) e Mayra Laudanna (IEB-USP), e publicado pela Edusp em 2019. Imprescindível para os estudiosos das letras e artes anteriores aos projetos românticos, o livro reúne 14 textos de João Adolfo Hansen, cujos títulos ilustram com muito mais brilho do que qualquer fria descrição não apenas a temática que abordam, mas a perspectiva crítico-teórica que propõem mobilizar: “Ler & Ver: Pressupostos da representação colonial”; “Para uma história dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII”; “A civilização pela palavra”; “Razão de Estado”; “O discreto”; “Educando príncipes no espelho”; “Agudezas seiscentistas”; “Lugar-comum”; “A doutrina do engenho poético no século XVII”; “*Ut Pictura Poesis* e verossimilhança na doutrina do conceito no século XVII colonial”; “Memória e poesia”; “Apresentação dos epitáfios jocosos portugueses e castelhanos”; “Categorias epidíticas da *ekphrasis*”; e “Alguns preceitos da invenção e elocução metafóricas de emblemas e empresas”. Como se vê, os textos reunidos no volume da Edusp versam sobre as letras luso-brasileiras do período colonial em articulação com as principais categorias que as determinam: verossimilhança; decoro; descrição; agudeza; engenho poético; conceito.

1. Cf. Chartier, “A ordem dos discursos e a materialidade dos textos”, in *Hidra Vocal: Estudos sobre retórica e poética (em homenagem a João Adolfo Hansen)*. Cotia: Ateliê, 2020, p. 79.

Desde a publicação de seu estudo seminal sobre a sátira de Gregório de Matos no ano de 1989, pelo qual recebeu o prêmio Jabuti, João Adolfo Hansen vem construindo uma perspectiva teórico-crítica que historiciza as práticas de representação ligadas às artes coloniais luso-brasileiras¹, oferecendo assim uma sólida alternativa metodológica às recorrentes apropriações anacrônicas de que têm sido objeto na história e na crítica literária, cujo resultado se expressa muitas vezes em leituras que passam ao largo dos fundamentos de uma arte fenomenalmente complexa e artificialmente precisa. O primeiro ponto a se frisar é que as letras anteriores ao Romantismo não pressupõem a literatura como arte autônoma, original e subjetiva; o autor como gênio espontâneo que produz arte autêntica; nem o público como consumidor de um livre-mercado de livros. Tais ideias, fundamentais para o desenvolvimento da Estética em fins do século XVIII nas sociedades já solidamente burguesas da Europa, não convivem com as categorias retórico-poéticas das artes miméticas que elas vêm justamente substituir. No nono texto do volume, intitulado “A doutrina do engenho poético no século XVII”, Hansen afirma o seguinte:

Quando examinamos as preceptivas artísticas, o assim chamado “Barroco” e as suas “características estéticas” ou “características estilísticas” - informalidade, acúmulo, desproporção, excesso - evidenciam-se como mitos neokantianos e românticos que generalizam transistoricamente as categorias estéticas do idealismo alemão. É equivocado supor, quando se considera a maravilha produzida pelos letrados e artífices seiscentistas, que eles a pensavam como a “liberdade livre” de uma originalidade radical própria da poesia e da pintura modernas. O equívoco é decorrência do demônio da analogia que relaciona o efeito fantástico e agudo com os efeitos informais das artes modernas sem considerar a proporção do juízo aplicado para efetuar o fantástico e a incongruência (HANSEN, p. 202).

Ao longo dos 14 textos que compõem o volume, Hansen procura justamente dispersar o tal demônio das analogias anacrônicas que descaracterizam as agudezas seiscentistas e as aglomeram sob o rótulo genérico de “barroco”. Por meio de uma “arqueologia da representação colonial”, como ele próprio diz, Hansen investiga “séries documentais, artísticas e não-artísticas” produzidas no período, especificando suas “lógicas discursivas” e seus “condicionamentos materiais”, produzindo assim “um diferencial histórico que permite relativizar e criticar suas apropriações anacrônicas” (HANSEN, p. 25). O resultado é um retrato aprofundado e verossímil de uma prática artística relativa a uma alteridade histórica sobre a qual Hansen comprova que se pode falar, com propriedade, precisão conceitual e lucidez crítica.

O livro conta também com excelentes textos introdutórios das organizadoras, além de posfácio e orelha assinados, respectivamente, por Leon Kossovitch e Alcir Pécora, dois dos mais constantes interlocutores do autor no meio universitário. Em todo esse aparato paratextual se observa um diálogo pulsante com as ideias, os trabalhos e as proposições da obra crítica de Hansen, lida portanto dentro do próprio livro com a atenção e a inteligência que merece.

Por fim, seus leitores e estudiosos têm mais um motivo para comemorar: as

1. Cf. Hansen, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII*. Cotia/Campinas, Ateliê/Editora da Unicamp, 2004 [1989].

organizadoras do livro informam que este é o primeiro de uma série de três volumes que a Edusp publicará, reunindo textos produzidos pelo crítico brasileiro ao longo de trinta anos. Trata-se, segundo as organizadoras, de “artigos de revistas acadêmicas, capítulos de livros e conferências apresentadas em eventos no país e no exterior. A reunião desses textos objetiva tornar disponível este material disperso em periódicos e em antologias de trabalhos coletivos nacionais e internacionais, alguns já fora de circulação” (in HANSEN, p. 23). Os dois primeiros volumes reúnem textos sobre as práticas discursivas dos séculos XVI a XVIII, enquanto o terceiro volume se dedica a trabalhos sobre as artes modernas e contemporâneas. Farol de renovação crítica sobre as letras e as artes, a obra de João Adolfo Hansen anima seus leitores a percorrer caminhos negligenciados, nada óbvios ou triviais, atualizando de modo relevante o encantamento que a pesquisa sobre as representações simbólicas humanas pode ter.

HANSEN, João Adolfo. *Agudezas Seiscentistas e outros ensaios*. Cilaine Alves Cunha; Mayra Laudanna (org.). 1a edição. São Paulo: Edusp, 2019. ISBN 13: 9788531417306.

Submissão: 20 de dezembro de 2020.

Aprovação 15 de janeiro de 2021